

Sines: Território de Turismo Industrial - Inovar para a Sustentabilidade turística

Sines: Industrial Tourism Territory - Innovating for Tourism Sustainability

Mónica Morais de Brito

CEGOT; Universidade de Évora
monicabrito71@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9952-9240>

Andreia Cordeiro

Sines Tecnopolo
ascordeiro1024@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8860-3663>

Artigo submetido a 12-12-2019 e aprovado a 10-06-2020

Resumo

O Turismo Industrial (TI) é um subproduto do Turismo Cultural, e embora sendo um produto de nicho pode contribuir para atenuar a sazonalidade, contribuindo para a sustentabilidade turística dos territórios e, em simultâneo, para a sua competitividade, através da diversificação e diferenciação da respetiva oferta. Um exercício de benchmarking à escala global permite identificar boas práticas que atestam o posicionamento deste produto no setor, e que conferem credibilidade operacional e científica ao caso de estudo, o projeto “Sines - Turismo Industrial Sustentável” (STIS), que operacionaliza o conceito de TI num dos concelhos, do ponto de vista industrial e económico, mais dinâmicos do País. Dotado de um dos mais importantes portos de águas profundas da Europa e de indústrias altamente especializadas beneficia ainda de um enquadramento natural de rara beleza, com algumas das suas praias integradas num Parque Natural. O TI apresenta-se como um produto complementar ao principal produto turístico deste território, o “Sol & Mar”, rentabilizando turisticamente as infraestruturas industriais existentes, compatibilizando duas atividades aparentemente antagónicas - o Turismo e a Indústria - e aproveitando a crescente procura por experiências diferenciadas no campo do lazer em busca de mais conhecimento e retorno por parte do público em geral, contribuindo, simultaneamente, para esbater a sazonalidade, uma das principais ameaças à sustentabilidade deste tipo de territórios. Este trabalho tem como objetivo contextualizar teoricamente o TI no âmbito de um modelo de desenvolvimento turístico sustentável, e apresentar o projeto “Sines - Turismo Industrial Sustentável” numa lógica diacrónica, descrevendo o processo e apresentando os resultados alcançados, desde o seu início até à atualidade.

Palavras-chave: Turismo Industrial, Sines, produtização turística, desenvolvimento turístico sustentável.

Abstract

Industrial Tourism (IT) is a by-product of Cultural Tourism, and although it is a niche product it can contribute to attenuate seasonality, contributing to the tourist sustainability of the territories. Simultaneously, IT can contribute to the competitiveness of the territories through their diversification and differentiation they are able to offer. A benchmarking exercise on a global scale permits to identify good practices that demonstrate the positioning of this product within the sector of IT and that give operational and scientific credibility to the case study, the project “Sines - Sustainable Industrial Tourism” (SSIT), which operationalizes the IT concept in one of the most dynamic industrial and economic municipalities in the country. With one of the most important deep-water ports in Europe, refineries, one thermal power plant, highly specialized industries, it also benefits from a natural setting of rare beauty, with its beautiful beaches integrated in a Natural Park. IT come up itself as a complementary product to the main touristic product of this territory, the “Sun & Sea”, maximizing the existing structures, making compatible two apparently antagonistic activities - Tourism and Industry - and taking advantage of the growing demand for different experiences for leisure in search of more knowledge and feedback from the general public, while contributing to blurring seasonality, one of the main threats to sustainability. This work aims to theoretically contextualize IT within the framework of a sustainable tourism development model and presents the project “Sines - Sustainable Industrial Tourism” in a diachronic logic, describing the process and presenting the results achieved from its beginning.

Keywords: Industrial Tourism, Sines, tourism “production”, sustainable tourism development.

1. Introdução

O Turismo Industrial (TI) é um subproduto do Turismo Cultural (TC), podendo assentar o seu desenvolvimento na indústria viva (em laboração), como é o caso do projeto de Sines (pelo menos nesta sua primeira fase), assumindo uma perspetiva mais patrimonial, fundamentada nas instalações e no espólio de indústrias desativadas, ou ainda numa abordagem mista, que reúna ambas as perspetivas.

Inúmeros são os territórios, rurais e urbanos, que motivados pela vontade ou pela necessidade de rentabilizarem todos os seus recursos turísticos, de compatibilizarem atividades que nem sempre coexistem harmoniosamente e de corresponderem a tendências da própria procura turística, desenvolvem projetos de visitação a infraestruturas e equipamentos industriais, em laboração (indústria viva) ou desativadas (abordagem arqueológica) assentes em parcerias estratégicas, que contribuem para aumentar a sua competitividade turística.

Uma análise do Município de Sines, na perspetiva do desenvolvimento turístico, permitiu identificar a sua dimensão industrial, simultaneamente como uma ameaça e uma oportunidade. Uma ameaça, porque aparentemente não era compatível com o seu principal produto turístico, o Sol & Mar, mas ainda por poder ser entendida como não favorecendo a restante oferta; uma oportunidade porque do resultado de benchmarking aplicado a outros territórios, simultaneamente turísticos e industriais, se compreendeu que a indústria podia, ela própria, ser rentabilizada turisticamente, e fazer parte do desenvolvimento turístico sustentável desses territórios. Por outro lado, o TC era, e é, também uma aposta deste Município, que aos eventos musicais e a uma agenda cultural anual consolidada, preenchida e diversificada, acrescenta uma abordagem histórica centrada na figura de Vasco da Gama e no seu espólio tangível e intangível, e também nas origens mais remotas deste território, das suas gentes e das atividades que aqui foram desenvolvidas ao longo de séculos.

No reconhecimento desta situação, e assente numa parceria estratégica entre as empresas, a Câmara Municipal de Sines, e outras entidades públicas e privadas, surgiu um projeto de TI, assente em indústria viva, que conferiu a este território uma singularidade turística cujo sucesso apenas o seu progressivo amadurecimento poderá evidenciar.

2. Um olhar teórico sobre o TI na perspetiva da sustentabilidade

O nosso olhar teórico é norteado pela questão: “Será que o TI contribui para o desenvolvimento turístico sustentável de um território?”. A resposta pressupõe uma reflexão sobre o próprio conceito de TI e sobre o seu contributo para a consecução de cada uma das dimensões que compõem o conceito de sustentabilidade, nomeadamente na sua extrapolação para o Turismo, e que deu origem ao conceito de Turismo Sustentável.

2.1. O TI: a discussão em torno do conceito

Na Europa, o tour industrial remonta à década de 50 do séc. XX, tendo sido usado pelas grandes empresas para alavancar a fidelização dos consumidores e para melhorar a imagem corporativa. Com a melhoria e a especialização de funções no espaço urbano e a desindustrialização, a valorização e proteção de antigas infraestruturas industriais também estimulou o crescimento da versão mais patrimonial do TI (Wang & Fu, 2019). Atualmente o TI é um produto cada vez mais popular em inúmeros territórios, existindo empresas de todos os setores de atividade a abrirem as suas portas aos visitantes, sendo objeto de estudo de inúmeros autores que, numa abordagem mais teórica ou a partir de estudos de caso, definem o conceito, o seu planeamento e gestão, os desafios que lhe estão subjacentes, os seus impactes nas organizações envolvidas e nos territórios que os acolhem, bem como o perfil dos seus visitantes.

O TI é entendido pela Organização Mundial de Turismo (OMT) como um subproduto do Turismo Cultural, sendo que, na sua definição mais recente, este “é um tipo de atividade turística na qual a motivação essencial do visitante é aprender, descobrir, experimentar e consumir as atrações/ produtos culturais, tangíveis e intangíveis, de um destino turístico. Essas atrações/produtos referem-se a um conjunto de materiais distintos, intelectuais, espirituais e às características emocionais de uma sociedade, englobando artes e arquitetura, património cultural e histórico, património gastronómico, literatura, música, indústrias criativas, e os estilos de vida, sistemas de valores, crenças e tradições das comunidades” (UNWTO, 2018, p. 11). Trata-se, de

acordo com esta mesma organização, o elemento principal do consumo internacional de turismo, representando mais de 39% da motivação das chegadas internacionais, e configurando-se crescentemente como objeto de inúmeras investigações (Richards, 2018).

O TI é, portanto, uma forma de turismo cultural, cujo objetivo principal é promover o património industrial (o antigo e o atual), relacionado com a tecnologia e com as atividades económicas desenvolvidas num território, englobando as deslocações motivadas pelo interesse sobre as empresas industriais e logísticas, atividades piscatórias, indústrias agroalimentares, oficinas e atividades artesanais, museus e centros interpretativos relacionados com a atividade industrial desse território. Trata-se, por conseguinte, de um produto de nicho que emergiu gradualmente, provocado pelo interesse dos visitantes, mas também pelo próprio interesse da indústria em aproximar-se do cidadão comum, desmistificando a sua atividade, mas sobretudo os seus impactes negativos (Brito, 2013). Otgaar (2012, p. 87) define-o como a visita a sítios que permitam aos residentes e aos turistas familiarizar-se com o funcionamento operacional de uma região industrial, assentando a sua definição numa abordagem mais direcionada para a “indústria viva”. Mas o mesmo autor já tinha anteriormente referido que “o turismo industrial envolve visitas a sítios que permitem aos visitantes aprender sobre atividades económicas do passado, do presente e do futuro (Otgaar, 2010, p. 196), conferindo ao produto uma dimensão temporal eclética.

Já Wang e Fu (2019), a partir da sua revisão da literatura, entendem que consoante o percurso que os diferentes países fizeram em relação ao TI assim a forma como o definem, embora a maioria tenha uma perspetiva que remete sobretudo para o património industrial. A China é um país onde há uma distinção muito clara sobre o Turismo de Património Industrial (caso de Huangshi e de Xangai) e o Turismo de Produção Industrial (caso de Xangai), ou seja, uma abordagem dicotómica que pressupõe o desenvolvimento do TI com base na “indústria viva”, por um lado, e no património industrial materializado em infraestruturas e equipamentos desativados e na sua musealização, por outro.

Já na Índia, há uma grande exploração e aproveitamento do TI, desenvolvido a partir de fábricas em laboração, onde as centrais elétricas e

destilarias, fábricas de cordas e de chocolate, e, particularmente, a indústria automóvel, atraem milhares de visitantes todos os anos, beneficiando, direta ou indiretamente, os envolvidos (Jansirani & Mangai, 2013).

Os objetivos que norteiam os projetos de TI são diversos, e podem encontrar-se do lado da indústria ou do lado da gestão turística. Em determinados casos o TI surge na sequência dos processos de reestruturação da indústria, como resposta às alterações no comportamento dos mercados e da procura (Lin, 2019). Em Taiwan, a terciarização da indústria e a necessidade de deslocalizarem as suas indústrias transformadoras para países com fatores de produção mais baratos, estimulou o desenvolvimento deste produto turístico, tendo as instalações industriais e a própria produção sofrido adaptações que permitem a visitação, uma tendência que não só promove a transformação industrial, mas também auxilia os gestores industriais a repensar o modo como podem criar valor corporativo através da inovação de serviços, bem como a determinar novas direções para o futuro da indústria transformadora (Chow, Ling, Yen, & Hwang, 2017).

Dentro do TI podem surgir outros subprodutos decorrentes do perfil industrial de cada território. Falaremos do Turismo de Energia (TE), exatamente porque o projeto de Sines também assenta em indústrias do setor energético, existindo, inclusive, a chamada “Rota da Energia”. Este segmento inclui a visitação a locais antigos (património cultural) e a indústria operacional, e ainda a realização de atividades como passeios de barco ou voos turísticos para parques eólicos offshore. Atividades como escalada e rapel numa turbina eólica ou a partir da torre de arrefecimento de uma fábrica são exemplos de Turismo de Energia. Podemos também mencionar a visitação de explorações agrícolas, cuja produção se destina à produção de biocombustíveis, ou ainda a minas de carvão, entre outras (Frantál & Urbánková, 2017).

A República Checa é um exemplo bem-sucedido de projetos de TE, contemplando múltiplas atrações neste domínio que fomentam outras atividades, como os eventos, a utilização de locais com certas características para a realização de diversos tipos de eventos. As empresas que integram esta oferta têm como objetivos dar a conhecer a sua atividade laboral, desmistificar algumas ideias negativas preconcebidas sobre os seus impactes e mudar

atitudes e comportamentos em relação ao consumo de energia. Um dos pontos críticos na exploração do potencial do TE, identificado a partir do estudo de caso realizado naquele país, é a cooperação entre as empresas de energia e os governantes regionais e locais, pois os interesses dos stakeholders públicos e privados podem ser conflitantes relativamente ao número e ao fluxo de visitantes a aceitar. Ainda assim é consensual que o TI, assim como o TE, pode ser uma marca diferenciadora para uma região (Frantál & Urbánková, 2017).

Otgaard (2012) salienta que as empresas abrem as suas portas aos visitantes com o objetivo de preservar a sua imagem, com vista a tentar construir uma relação sustentável com a sociedade, a tentar criar um vínculo entre os consumidores e uma determinada marca, ou ainda a tentar criar um rendimento adicional (ainda que esta razão seja menos referida). Por outro lado, as empresas podem manifestar relutância em receber visitantes pelos custos que lhe estão associados, por questões relacionadas com a segurança (nas suas múltiplas dimensões) e a espionagem industrial, ou por considerarem a sua atividade ou processo produtivo pouco interessantes para atrair visitantes. Ainda de acordo com este autor, a capacidade de uma empresa ou de uma região para atrair turistas internacionais, o chamado potencial de TI, depende sobretudo de cinco fatores: a atratividade da empresa, os percursos que são oferecidos, a qualidade das instalações, a sua localização e a sua promoção.

O desenvolvimento do TI pode constituir uma oportunidade para as indústrias e para as regiões onde estão localizadas, mas também se pode configurar como um instrumento de marketing e de relações públicas. No entanto, há que ter em consideração que os interesses públicos e privados nem sempre estão alinhados, ainda que seja possível desenvolver uma agenda comum para a cooperação público-privada com vista ao desenvolvimento do TI. Contudo, para tal tem de existir uma visão partilhada relativamente ao perfil e ao comportamento do fluxo dos turistas, deve também existir um reconhecido interesse na copromoção (território e indústria) e deve ainda haver consenso relativamente ao potencial do TI e ao papel de cada um na sua rentabilização (Otgaard, 2012).

Os grandes desafios do TI residem no envolvimento de todos os atores que são imprescindíveis para a sua operacionalização e na assunção, por parte

destes, dos papéis que lhes competem. A este propósito, Vargas-Sánchez (2011), na recensão crítica que faz à obra de Otgaard, Van Den Berg, Berger, e Xiang Feng (2010), corrobora a ideia defendida pelos autores de que as entidades públicas - gestoras das cidades -, as empresas anfitriãs e as empresas turísticas têm que se articular e trabalhar juntas para potenciar as vantagens decorrentes do TI, compatibilizando atividades aparentemente incompatíveis, no sentido de contribuírem para a sustentabilidade económica do destino. O primeiro passo, e talvez o mais difícil, que antecede a componente operacional, reside na necessidade de convencer os diferentes stakeholders sobre a capacidade de atração de um centro industrial e do seu potencial para proporcionar uma experiência turística diferenciada e gratificante.

O TI pode ainda ter um papel importante nos processos de regeneração urbana, quando as indústrias se deslocalizam dos centros das cidades para a sua periferia, pois as infraestruturas e equipamentos industriais podem configurar equipamentos de uso público, como museus, centros de exposição, centros criativos que, simultaneamente, preservem as memórias tangíveis e intangíveis que lhe estão associadas e desempenhem uma nova função alinhada com o novo modelo funcional de ocupação do espaço. A China, em particular a cidade Huangshi, são um bom exemplo deste importante papel do TI, sobretudo na abordagem mais patrimonial (Wang & Fu, 2019).

O protagonismo e a função do TI no desenvolvimento turístico de um território são condicionados pelo paradigma que o norteie. A questão da compatibilização de interesses que podem ser antagónicos, o desenvolvimento de parcerias público-privadas e a criação de uma agenda comum que permita promover o território e todos os seus recursos em uníssono e rentabilizar o seu potencial, são aspetos fundamentais para que este produto turístico se desenvolva num contexto de sustentabilidade, contribuindo simultaneamente para a qualidade de vida das comunidades residentes e para uma experiência turística também de qualidade.

3. A sustentabilidade do e no TI

O conceito de sustentabilidade já tem uma longa história, tendo tido a sua génese na Conferência de Estocolmo, de 1972, e tomando forma no Relatório Brundtland (1987). Em relação a este

relevante conceito, não entraremos em detalhe na sua contextualização atual, mas reproduzimos a ideia de Spangenberg (2004) que a define como uma otimização dinâmica de quatro dimensões: social, ambiental, económica e institucional. Este autor introduz a dimensão institucional, evidenciando as questões da participação cívica e da cooperação entre setores, uma abordagem que privilegiamos por considerarmos que é consonante com o conceito de TI e com as exigências para a sua operacionalização e para o seu sucesso.

A extrapolação do conceito de sustentabilidade para o turismo remete-nos para um modelo que pressupõe o uso dos recursos turísticos numa ótica de preservação, assegurando o seu usufruto às gerações vindouras, e contemplando, também, uma dimensão económica, social e cultural, que defende o direito às comunidades anfitriãs de manterem a sua identidade cultural, mas de, igualmente, terem um retorno económico da atividade turística, nomeadamente através da ocupação de postos de trabalho ou de criação do seu próprio negócio, numa perspetiva mais empreendedora. Em 1995, a OMT definiu o Turismo Sustentável como uma componente do modelo de desenvolvimento económico que é ecologicamente suportável a longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais. Exige integração no ambiente natural, cultural e humano, respeitando a frágil balança que caracteriza muitos destinos turísticos.

De igual forma, este conceito também nos estimula a refletir sobre o seu modelo de planeamento e desenvolvimento, sobretudo porque no âmbito do presente trabalho o caso de estudo recai sobre a operacionalização de um projeto enquadrado num plano de desenvolvimento turístico para uma unidade territorial específica, e neste âmbito há que visitar Burns (2005) e o seu modelo para o planeamento turístico “a Terceira Via”, no qual umas das primeiras fases do processo recai sobre a promoção do relacionamento institucional e o envolvimento de todos os atores no processo de planeamento para o desenvolvimento turístico. Mais uma visão holística que enfatiza os verdadeiros desafios subjacentes ao TI, nomeadamente para que se constitua como um contributo efetivo para o desenvolvimento turístico sustentável do território, e que vai ao encontro dos desafios do TI, em que motivar e sintonizar os diferentes parceiros em parcerias público-privadas,

compostas pelos agentes públicos, pelas empresas anfitriãs e pelas empresas turísticas se revela imprescindível para levar os projetos a bom porto.

Uma das principais ameaças ao desenvolvimento turístico sustentável é a sazonalidade, que compromete os impactes económicos e sociais positivos e que potencia os impactes ambientais negativos, já de si aumentados pela sobrecarga turística em determinadas épocas do ano. Ferrante, Giovanni, e De Cantisb (2018), analisando o estado da arte sobre este tema, refere que desde sempre se constituiu como objeto de estudo, sobretudo devido aos seus impactes socioeconómicos relacionados com o uso ineficiente dos recursos, decorrentes dos picos de procura e da falta de capacidade de resposta dos destinos; com o aumento de preços na época alta; com uma perceção errada do valor por parte do consumidor; e com a sazonalidade do mercado de trabalho. Na dimensão ambiental, devidos aos efeitos sobre os ecossistemas, resultado da pressão turística na época alta, no fornecimento de água e na gestão dos resíduos. Já na perspetiva sociocultural tem sido principalmente o desconforto provocado nas comunidades residentes devido ao excesso de procura turística nos períodos de época alta, que mais tem chamado a atenção. As causas da sazonalidade devem incentivar os diferentes stakeholders a definirem e implementarem políticas e práticas que estimulem um maior equilíbrio da procura ao longo do ano, eliminando o problema pela raiz.

Assim, o TI pode, pelas suas características enquanto produto turístico, contribuir para atenuar a sazonalidade, nomeadamente na conjugação com outros produtos turísticos fortemente marcados pela sazonalidade como o Turismo de Mar & Sol. Não numa lógica de redução de visitantes na época alta, mas sobretudo na atração de visitantes ao longo de todo o ano, reduzindo a discrepância entre os rendimentos e os postos de trabalho associados à época alta e à baixa. Por outro lado, pode constituir um produto vendável pelas empresas de animação turística, existentes ou a criar, contribuindo para a criação de postos de trabalho continuados no tempo.

No entanto, o contributo do TI para o desenvolvimento turístico de um território não se confina ao seu possível papel na redução da sazonalidade. Recorrendo ao conceito de sustentabilidade de Spangenberg (2004), a que já nos referimos, há que fazer notar o seu contributo para a responsabilização das empresas, sobretudo das mais poluentes, perante

a sociedade, bem como o estímulo à inovação e ao empreendedorismo, por dar a conhecer processos produtivos e oportunidades que lhe estão subjacentes (abordagem pedagógica), mas também por poder constituir-se como objeto para novos negócios.

Por outro lado, pode ser uma via para a recuperação da imagem de destinos em que se verifique a existência de atividade turística e atividade industrial em simultâneo (Brito, 2013). Na realidade, perante a crescente relevância dos conceitos de sustentabilidade e de responsabilidade social, a maioria das empresas, mas sobretudo as que têm vertentes mais industriais, sentiram a necessidade de se aproximar da população, tornando a sua imagem mais “pessoal” e “amistosa”, convidando a sociedade a visitar os seus complexos e a testemunhar os seus processos (Hjalager, 1999). Em Sines, esta questão é de extrema importância, uma vez que para além deste território estar associado, de forma pejorativa, a uma imagem fortemente industrial, a própria população do concelho mantém uma relação de desconfiança e reserva em relação a muitas das indústrias aqui instaladas, sentindo-se ameaçada na sua segurança e na sua saúde.

O TI é uma inovadora tendência que cria emprego e estimula economias locais, permitindo às cidades um crescimento sustentável e uma redefinição da sua imagem, quando necessário (Bramwell & Rawding, 1996). Além disso, permite, em simultâneo, a divulgação dos processos e dos resultados industriais, mas pode constituir, igualmente, uma montra para o seu bom comportamento ambiental. Por conseguinte, a mais-valia deste produto turístico traduz-se nos estímulos à economia da sua área de influência, nas vantagens trazidas à indústria, enquanto ferramenta de comunicação, mas também na preservação do património cultural e na qualidade de vida das populações, pois aumenta a responsabilidade, também social, das empresas. Várias regiões com grande implantação de empresas deste tipo identificaram o desenvolvimento do TI como um dos objetivos das suas políticas de turismo e/ou industriais. A título de exemplo citamos: Nagoya (Japão), Ródano-Alpes e País do Loire (França), Turim (Itália), Roterdão e Amsterdão (Holanda), Xangai (China) e Pensilvânia (EUA). Estas e outras regiões esperam que o TI gere impactes económicos positivos, mas também ao nível da imagem e da reputação, quer para os residentes quer para as empresas locais (Otgaar & Klijs, 2010).

Outros exemplos internacionais, como os distritos de Guëssing e Murau, na Áustria (Keglovits, 2011; Spaëth & Rohracher, 2010, cit. em Frantál & Urbánková, 2017), ou o município de Hostětín, na República Checa (Veronica, 2010, cit. em Frantál & Urbánková, 2017), atestam o contributo dos projetos de TI, no segmento de TE, para o turismo local e para a promoção do desenvolvimento económico sustentável, conjugando este produto com projetos comunitários de energia renovável, exposições, festivais, e mercados que oferecem produtos de agricultores e artesãos locais. Por outro lado, Frew (2000, cit. em Otgaar & Klijs, 2010) associa o TI a uma potencial criação de emprego nas regiões, quer diretamente (guias turísticos, animadores turísticos), quer indiretamente pelo efeito multiplicador, ou seja, regiões com uma oferta mais diversificada permitem experiências turísticas de maior qualidade que impactam no tempo de estada média e nos gastos dos visitantes.

O TI, se percecionado numa lógica de complementaridade com outros produtos turísticos, pode, assim, ser compatível com o desenvolvimento turístico sustentável de um território, entendendo-se a sua produtização como uma forma de harmonizar atividades antagónicas e a sua prática como uma diversificação da oferta que permite atenuar a sazonalidade, aumentar o tempo de estada média dos visitantes, e estimular as empresas a partilhar o valor que geram com a comunidade. Ainda assim, de acordo com Otgaar et al (2010) existem muitos territórios que possuem ativos para desenvolver o TI mas são incapazes de os rentabilizar, não existindo uma visão estratégica para o seu desenvolvimento, reduzindo-se a discretas visitas corporativas. O desenvolvimento do TI, no âmbito do desenvolvimento turístico sustentável de um território, depende em grande parte da capacidade de cooperação das empresas e esta está relacionada com a capacidade dos governantes de catalisar projetos colaborativos e também com o próprio potencial do TI de gerar, de forma inequívoca, direta ou indiretamente, impactes positivos para todas as partes envolvidas.

A reflexão sobre a sustentabilidade do TI, contextualizada no Município de Sines, recai particularmente sobre as suas dimensões económica e social. Em territórios como o que configura o nosso estudo caso, que assentam a sua oferta no Turismo de Sol & Mar, sobretudo na sua abordagem mais convencional - a balnear - a distribuição desequilibrada da procura, cuja incidência se concentra sobretudo numa

época alta muito reduzida (julho e agosto), a viabilidade económica dos negócios fica fortemente comprometida, assim como os postos de trabalho que lhes estão associados, gerando uma instabilidade com fortes impactes na qualidade de vida da comunidade local. O outro pilar da sustentabilidade, o ambiental, apenas será objetivamente analisado através das certificações de qualidade ambiental das empresas que se constituem como seu recurso, e pelas quais pautam o seu desempenho, ainda que relativamente aos indicadores ambientais possam existir inúmeras reservas e interrogações decorrentes da área de atividade de muitos parceiros. No que concerne à dimensão cultural, o TI tem estimulado a recolha e inventariação do espólio das empresas e das histórias de vida que lhes têm estado associadas ao longo de décadas, contribuindo para uma certa reconciliação da população com o seu passado recente.

4. Notas metodológicas

Este trabalho é norteado metodologicamente pelo estudo de caso, uma abordagem baseada em investigação empírica com técnicas maioritariamente qualitativas de contextos reais, em que múltiplas fontes de evidência são utilizadas numa abordagem científica essencialmente indutiva e parcialmente dedutiva (Eisenhardt 1989).

Yin (1989, p. 23) define o estudo de caso como “pesquisa empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real; quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes; e em que múltiplas fontes de evidência são usadas”.

Segundo Larrinaga (2017) esta metodologia tem a mesma validade científica que os métodos quantitativos se os procedimentos exigidos forem cumpridos. Este autor considera ainda que este método de investigação é especialmente útil quando se pretende entender um fenómeno real observando todas as variáveis relevantes e quando se procura explorar ou avaliar situações ou fenómenos complexos.

O nosso caso de estudo é o projeto “Sines - Turismo Industrial Sustentável”, analisado na perspectiva no desenvolvimento turístico sustentável e no âmbito do processo de planeamento do Município de Sines. Tem como objetivo apresentar o projeto nas suas diferentes fases e os resultados da sua operacionalização, no período entre 2014 e 2019, avaliando

o seu perfil de sustentabilidade e o seu contributo para o desenvolvimento turístico sustentável do Município de Sines, nomeadamente para atenuar a sazonalidade, para comprometer as empresas do ecossistema Sines com a comunidade e para promover parcerias público-privadas e projetos colaborativos, tendo como referencial teórico o conceito de TI, de sustentabilidade e da sua extrapolação para o Turismo.

5. O caso de estudo: “Sines - Turismo Industrial Sustentável”

5.1. O território e as suas dinâmicas

O concelho de Sines é um território fortemente industrializado e com um grande poder de atração de investimento nacional e estrangeiro. A indústria química e petroquímica e um porto de águas profundas têm viabilizado uma intensa e florescente atividade económica com repercussão evidente no campo social ao constar sistematicamente, nos últimos anos, entre os concelhos do país com uma média salarial mais elevada. Este retrato do presente distancia-se largamente do que caracterizava este mesmo território no passado, salientando-se, nesta análise, a década de setenta do séc. XX como o tempo de uma profunda transformação no modelo socioeconómico desta unidade territorial. Uma sociedade tradicionalmente rural, com uma economia assente na pesca, numa atividade agrícola dirigida a alguns (poucos) produtos da região, e no turismo costeiro e de mar, deu lugar a uma sociedade marcadamente urbana, em que as reminiscências do passado, nubladas pelo passar dos anos, ignoram e pretendem olvidar a precariedade de uma vida essencialmente ligada ao mar.

A industrialização de Sines iniciou-se com a construção do seu porto de águas profundas, uma escolha entre as opções que se colocaram aos governantes na altura, que foi a condição fundamental para atrair progressivamente as indústrias de diferentes setores de atividade que se instalaram neste território, com destaque para as indústrias químicas e petroquímicas e para as suas prestadoras de serviços. Este processo fomentou o desenvolvimento socioeconómico do Município de Sines e dos municípios contíguos, sobretudo através da derrama

, da criação de postos de trabalho e do mecenato e patrocínio das empresas para projetos e equipamentos sociais e culturais. No entanto, a dimensão ambiental sempre foi problemática, embora as empresas tenham ao longo do tempo feito inúmeros investimentos, com o objetivo de reduzir progressivamente os impactos ambientais negativos da sua atividade.

A imagem industrial, verdadeira, mas muitas vezes mal compreendida, viria a ser apontada como uma das principais ameaças ao desenvolvimento turístico desta região, e, apesar de algumas políticas e práticas para inverter esta tendência, a realidade insiste em sobrepor-se, havendo, assim, que enfrentar o desafio de reinventar o território no sentido de relacionar, harmoniosamente, sectores aparentemente incompatíveis e transformando a atividade de uns nos recursos primários de outros.

Neste contexto, surge o TI como um produto que transforma em recursos turísticos a atividade, as infraestruturas e os equipamentos industriais, conferindo-lhes valor aos olhos do visitante e permitindo diversificar a oferta de um território em que a sazonalidade e o reduzido tempo de estada se evidenciam como as principais ameaças ao modelo de sustentabilidade de uma unidade territorial. Um produto complementar aos restantes produtos turísticos porque, ainda que a imagem industrial se sobreponha, este é também um território de recursos naturais e culturais, onde o Sol e o Mar, associados à marca “Porto Covo”, persistem como principais fatores de atração turística (Brito, 2013).

Sines - TI Sustentável (STIS) , projeto que constitui o caso de estudo deste trabalho, é também a evidência da relação entre a investigação e a ação. A identificação da oportunidade e da análise da sua viabilidade, em contexto académico, permitiu suportar o processo de produtização, protagonizado, numa primeira fase, pela Refinaria da Galp, mas cuja ambição por uma escala mais alargada levou à formalização e modelização de práticas por outras empresas pertencentes ao Ecossistema Sines. Neste momento, o projeto STIS, coordenado pelo Sines Tecnopolo , integra a visita a sete empresas, e conta com vários parceiros institucionais entre os quais se destacam a Câmara Municipal de Sines e a Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo. Embora seja considerado um produto de nicho, os resultados desde a sua implementação têm demonstrado que capta cada vez mais a atenção do visitan-

te comum, motivado pela curiosidade em aceder a espaços e a processos que convencionalmente lhe são inacessíveis.

5.2. O projeto: da conceção à ação

A génese do STIS encontra-se numa investigação realizada em 2013, no âmbito de uma tese de doutoramento, na qual foram analisadas as competências deste território e do seu tecido empresarial para suportar o desenvolvimento de um projeto desta natureza, com o objetivo de diversificar a oferta turística deste território, esbater a sazonalidade e estimular o seu desenvolvimento turístico sustentável (Brito, 2013). Este produto, entre outros, surgiria como complementar ao seu principal produto turístico, o Sol & Mar, e teve em vista contribuir para conciliar atividades tradicionalmente antagónicas, como o Turismo, a Indústria e a Logística, mas também para esbater a imagem negativa deste território ligada à indústria e aos seus impactos negativos, nomeadamente os ambientais.

O diagnóstico realizado neste contexto culminou numa análise SWOT aplicada ao Município de Sines na perspetiva do TI, a partir da qual se aferiu sobre a sua vocação assim como a dos seus atores para a produtização turística dos seus recursos industriais (Quadro I).

Brito (2013) após o conhecimento profundo da realidade do Município de Sines e da sua envolvente na perspetiva do TI, traçou um conjunto de objetivos com vista à produtização turística dos recursos industriais deste território:

1. Desenvolver e afirmar o TI no Município de Sines, compatibilizando a indústria e o turismo num produto diferenciado e competitivo, no âmbito de um processo de parceria entre agentes públicos e privados;
2. Promover o Município de Sines enquanto destino de TI, concebendo uma estratégia física e virtual que permita um contacto prévio e o planeamento da própria visita pelo visitante, de forma autónoma;
3. Articular o projeto de TI no Município de Sines com os restantes projetos de TI existentes no Alentejo e no País;
4. Integrar o Município de Sines nas redes internacionais de TI, de forma a captar o interesse de visitantes estrangeiros e a afirmar

Quadro 1

Análise SWOT do Município de Sines na perspectiva do TI.

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
Diversidade e densidade industrial Atividade portuária História recente da industrialização do Município Realização atual de visitas Interesse das empresas Não sujeito à sazonalidade	Condicionalismos impostos pela segurança própria das empresas Inexistência de um modelo de visitas organizadas Inexistência de antecedentes formais Produto destinado a um nicho de mercado	Investimentos industriais e portuários previstos Crescimento da procura deste produto turístico Projeto “Aportar Sines”, liderado pela Câmara Municipal de Sines, a candidatar a financiamento Crescente protagonismo do TI a nível mundial Existência de boas práticas Desenvolvimento de redes e rotas de TI Existência de outros projetos de TI no País (ex. São João da Madeira) e no Alentejo (Rota dos Mármoreos e Rota Mineira)	Reduzida tradição de TI em Portugal Desconfiança de alguns stakeholders face a um produto turístico pouco convencional Receio por parte dos agentes políticos deste produto enfatizar a imagem industrial de Sines Impreparação das empresas para este fim

Fonte: Brito, 2013.

esta unidade territorial enquanto destino privilegiado de TI.

Este conjunto de objetivos foi definido com base no pressuposto de que a interação entre a indústria, a cultura, o turismo e a cidade, num modelo de dinâmica interdependência, poderia contribuir para o desenvolvimento sustentável, nomeadamente do turismo, para a promoção da qualidade de vida das populações e para a afirmação de um destino turístico de excelência.

Na posse dos elementos supramencionados, a Câmara Municipal de Sines, em parceria com outras entidades públicas e privadas, implementou o projeto “APORTAR SINES”, financiado pelo INALENTEJO (QREN) em 2012, visando criar as condições para desenvolver o TI nesta unidade territorial e preservar a sua memória, e que decorreu em duas fases:

- FASE I - “Rede de parceria para o desenvolvimento, capacitação e promoção do TI - Sines”, com o objetivo de estabelecer as sinergias necessárias ao desenvolvimento do TI, associado à área portuária, industrial e logística de Sines, nomeadamente, estabelecendo a estratégia, o plano de ação e capacitando os atores e parceiros. A rede de parceiros constituída integrou a Câmara Municipal de Sines, a APS - Administração do Porto de Sines, a Galp - Refinaria de Sines, a EDP, a AICEP - Global Parques, o Arquivo distrital de Setúbal e a Entidade de Turismo do Alentejo Litoral, vislumbrando-se, na altura, a oportunidade de adesão da Repsol, da RTP, do Turismo de Portugal, I.P., outras empresas visitáveis (operadores

do porto, logística, pesca, energia, exploração mineira,...), de empresas prestadoras de serviços ligadas ao turismo (alojamento, restauração, serviços complementares,...) e ainda alguns parceiros individuais como antigos técnicos e dirigentes do Gabinete da Área de Sines e responsáveis e interlocutores das entidades locais, regionais e nacionais, estudiosos da temática, entre outros.

- FASE II - Plataforma multimédia de preservação da memória, descoberta do presente e projeção do futuro”, com o objetivo de disponibilizar, universalmente, através da Web, conteúdos sobre a área portuária, industrial e logística de Sines, que não estejam classificados pelo Estado ou pelas empresas, acerca da sua conceção, desenvolvimento e concretização, numa perspetiva histórica e patrimonial, mas também de contacto com a realidade presente, e ainda de prospeção sobre o futuro (Brito, 2012).

Este projeto, cuja implementação sofreu alguns atrasos por motivos de ordem variada, terminou em junho de 2015, quando, inicialmente, a sua conclusão estava prevista para 2013, tendo como resultado final a criação da rede de parceiros na qual assenta, ainda hoje, o projeto STIS, embora mais alargada, e uma plataforma que tem uma dupla função: (1) divulgação do STIS, das experiências que lhe estão associadas e a marcação de visitas, destinada ao público em geral; e (2) acesso ao espólio documental relacionado com o processo de industrialização em Sines,

direcionado sobretudo para estudantes e investigadores, e que se encontra disponível em <http://www.stis.pt/>.

Em simultâneo com a operacionalização do “APORTAR SINES”, foram sendo dados outros passos com o intuito de aumentar e diversificar o conhecimento sobre o TI e conferir consistência ao processo de produtização propriamente dito. Nesse sentido, foi desenvolvido um exercício de benchmarking a nível nacional e internacional, procurando-se a análise de boas práticas que se assemelhassem, no que diz respeito à tipologia de indústrias envolvidas, às características do território-alvo. A realidade nacional, ainda que tivesse já sido objeto de estudo, nomeadamente os casos de São João da Madeira, da Marinha Grande, do Barreiro, entre outros, apenas permitiram concluir pela inexistência de práticas no

País com características semelhantes, o que se explica pela singularidade nacional do complexo industrial de Sines, ainda que internacionalmente existam casos de sucesso de produtização de realidades industriais com um perfil muito idêntico e que servem de fonte de inspiração para o projeto, em países como França, Reino Unido, Espanha, Itália, Japão, Bélgica, Brasil, China e Alemanha, os quais se sintetizam no Quadro 2.

Ainda que não estivesse concluído o projeto “APORTAR SINES”, entendido como uma fase preparatória no processo de produtização turística dos recursos industriais de Sines, a 30 de setembro de 2014 a Refinaria da GALP abriu as suas portas ao público, iniciando uma experiência-piloto que se desenrolou entre outubro e dezembro de 2014, e que se revelou um verdadeiro sucesso, traduzido no preenchimento de todas as vagas previstas para esta

Quadro 2

Benchmarking internacional de projetos de TI

País	Características mais relevantes do projeto	Fontes
Alemanha	Rammelsberg é um modelo de práticas mineiras na Europa. A riqueza da mina remonta ao início do século XI e moldou a cidade de Goslar. O sistema de gestão de água da mineração Upper Harz, Património Mundial da Humanidade manteve-se em utilização até ao século XIX. As minas foram consideradas património mundial da UNESCO em 1992, enquanto elemento representativo da inovação industrial no ocidente. Integram o pacote turístico da cidade, com experiências e visitas guiadas para escolas e público em geral. O Estado de NordRhein Westfalen possui muitos e diversos monumentos industriais que suportam várias rotas temáticas que incluem visitas a minas, áreas de produção industrial, maquinaria de elevação, entre outras heranças industriais. A Völklingen Ironworks, proporciona a experiência ao visitante de percorrer os corredores do galpão (barracão) de carga e subir até às alturas da plataforma de observação, com visitas escolares gratuitas e preços que vão desde os 15€ aos 17€, com visitas guiadas a grupos com o máximo de 30 pessoas.	<ul style="list-style-type: none"> • https://www.rammelsberg.de/en/guided-tours/ • http://VisitWorldHeritage.com/Goslar • https://www.nrw-tourism.com/industrial-heritage • https://www.voelklinger-huetten.org/en/world-cultural-heritage-site-voelklingen-ironworks/
Polónia	A Polónia possui uma rota dos monumentos industriais, onde agrega cerca de 42 experiências industriais desde caminhos de ferro históricos, a fábricas de carvão, prata, tratamento de águas, impressão de jornais a produção de cerveja.	https://culture.pl/en/article/trend-watch-industrial-tourism-in-silesia https://zabytkitechniki.pl/en-US
Eslóvaquia	A terceira maior cidade do Império Húngaro, Banská Štiavnica, foi um centro de mineiros, metalúrgicos, cartógrafos, projetistas técnicos e construtores. É agora um local onde a cultura, história e indústria partilham o mesmo caminho, com vários museus minérios, um sistema de gestão de água que chama muitos turistas à região onde também é visitável a fábrica de produção de cachimbos de argila, símbolo de estatuto social que remonta ao século XVII.	https://visitworldheritage.com/en/eu/historic-town-of-bansk%C3%A1-C5%A1iavnica-and-the-technical-monuments-in-its-vicinity-slovakia/
Finlândia	O Groundwood and Board Mill de Verla foi o primeiro museu industrial da Finlândia, tendo surgido em 1972. O museu está localizado na vila de Verla, na parte norte da região de Kymenlaakso. Anualmente, Verla recebe cerca de 35 000 visitantes no verão, cerca de 10% dos visitantes são estrangeiros oriundos de cerca de 60 países diferentes.	https://www.verla.fi/en/themillmuseum
Holanda	D.F.Woudagemaal, a maior estação de bombeamento de vapor de água do mundo situa-se em Lemer, na Holanda. No salão de máquinas, existem quatro motores a vapor com quatro volantes, que ainda estão operacionais e recebem visitas virtuais de todas as partes do globo.	https://www.woudagemaal.nl/en
França	O projeto Visite Entreprise integra 2000 empresas abertas ao público, numa iniciativa em que trabalham de forma colaborativa o Turismo de França, as Câmaras de Comércio e Indústria nacionais e os operadores turísticos. A oferta de TI é integrada nos pacotes turísticos pelos operadores turísticos. O TI é tão relevante em terras gaulesas, que as próprias regiões têm já portais específicos, como é o caso da região do Loire, que construiu de raiz um portal que congrega 48 empresas. Centrais elétricas como as da EDF explicam os processos produtivos e a transparência das suas atividades. A Central Elétrica de Rance (Bretanha), apresenta-se como o hot spot do TI francês, com mais de 200 000 visitas por ano. Anualmente, vinte milhões de pessoas visitam instalações industriais em França.	https://www.entrepriseetdecouverte.fr/

Quadro 2

Benchmarking internacional de projetos de TI

País	Características mais relevantes do projeto	Fontes
Reino Unido	<p>A Central Hidroelétrica Ben Cruachan (em atividade), na Escócia, abriu portas em 1997, com o objetivo de promover a imagem e dinamizar a comunicação e marketing das elétricas escocesas. A intenção das suas visitas não é o lucro, mas trabalham no sentido da sustentabilidade do projeto de TI.</p> <p>Em 2009, 20 000 visitantes pagaram pela visita guiada e 30.000 visitaram a zona de acesso livre. A maioria dos visitantes veio pelos seus próprios meios e cerca de 20% chegaram em autocarros (visitas guiadas). O mercado escolar não é encarado como fundamental.</p> <p>No que respeita às visitas, a empresa foca a sua estratégia nas questões ambientais, rentabilizando o facto de estar localizada numa zona de grande beleza natural.</p> <p>Em Blaenavon existem 33 km2 dedicados ao Turismo Industrial com atrações ligadas à indústria do carvão e caminhos de ferro. Dedicam-se a proporcionar experiências através de um sistema de realidade virtual que permite ao visitante viajar no tempo para conhecer como era a realidade indústria do século XIX e XX.</p> <p>Os museus Ironbridge Gorge proporcionam experiências que envolvam a indústria do carvão, tijolo e rede de túneis agora destinados ao turismo proporcionando visitas guiadas a escolas e famílias.</p>	<p>http://www.visitcruachan.co.uk/ acesso a 28.09.2013</p> <p>https://www.visitblaenavon.co.uk/en/Homepage.aspx</p> <p>https://www.ironbridge.org.uk/</p>
Espanha	<p>Barcelona direcionou os seus esforços para o TI, com um programa que integra cerca de 100 organizações, de áreas tão díspares como observatórios meteorológicos, empresas do ramo alimentar, farmacêutico, de peles, minas, geologia, cerâmica, serviços, têxtil, transportes, vinhos e também energia (ex. Central Térmica de Cercs).</p> <p>A Central Elétrica de Cercs - a carvão, de explorações locais e importado -, permite visitas (pagas, 65 euros para grupos de 30 pessoas), e a visita integra: apresentação de várias zonas da Central, modelo de funcionamento, o ciclo da água e problemas e soluções para uma atividade de produção de energia ambientalmente responsável.</p>	<p>http://www.turismepropbarcelona.cat/en/turismeindustrial/</p>
Itália	<p>La Via della energia é um roteiro de TI na região da Lombardia que congrega visitas a centros produtores de energia (4 hidroelétricas, 2 termoelétricas, uma de fuel cells e uma incineradora de resíduos). Este projeto é direcionado principalmente para estudantes e professores, mas também pode atrair turistas italianos e estrangeiros que desejem aprender mais sobre a história do desenvolvimento industrial da região. O site fornece itinerários de viagem que combinam visitas às fábricas de energia da Lombardia, com passagem por outros locais turísticos, com recursos históricos, naturais e gastronómicos.</p> <p>Na região de Veneza, Porto Marghera é também um bom exemplo, existindo um projeto denominado "Le nuove vie di Porto Marghera" que apresenta fortes semelhanças com Sines. São oferecidos itinerários: a via da tecnologia, a via do hidrogénio, a via da eletricidade, a via da refinaria, a via do vidro, a via do mar, a via da química, a via da reciclagem, a via da logística e a via da natureza. As visitas podem ser feitas de bicicleta através dos percursos existentes nas áreas industriais e portuárias.</p>	<p>http://www.centrovolta.it/laviadelle-energia/inglese/turismo/index.htm http://www.portomarghera.org/</p>
Bélgica	<p>Na cidade de Seraing simultaneamente a oferta turística baseada no património histórico e cultural e a visita à Central Termoelétrica de Seraing. Operada pela S.P.E. (Société de Production d'Electricité), produz eletricidade combinando duas técnicas tradicionais: turbinas a gás e a vapor. A visita permite entender os vários elementos que compõem o processo de produção de eletricidade e descobrir as tecnologias do futuro para produção de energia.</p>	<p>http://www.siseraing.be/</p>

fase do projeto e num elevado índice de satisfação manifestado pelos visitantes e aferido através da aplicação de questionários de satisfação.

Sob o lema "A indústria é a minha praia", que transmite o pressuposto subjacente a todo o projeto de compatibilizar as diferentes atividades económicas e promover a complementaridade entre os diferentes produtos turísticos, o projeto STIS foi inaugurado com esta experiência que permitiu à equipa responsável amadurecer o modelo e preparar-se para, em janeiro de 2015, as restantes infraestruturas industriais aderentes começarem a receber visitantes, permitindo experiências diferenciadas e estruturadas em três rotas distintas: (1) Rota da Energia, que integra a Galp, EDP, REN; (2) Rota da Logística, cujas visitas se realizam à APS e à lota da Docapesca; e (3) Rota do Ambiente, que compreende a Recipneu (transformação de pneus granulado

criogénico de borracha) e a Enerfuel (produção de biodiesel a partir de gordura animal).

As entidades parceiras, na sua maioria, são certificadas no âmbito de um ou mais sistemas de qualidade (Quadro 3), o que atesta a sua preocupação com as questões da sustentabilidade, nomeadamente a ambiental, e corrobora a ideia transversal a este trabalho de que a sua participação no projeto de TI se prende sobretudo com as suas políticas de responsabilidade social, sem descartar a questão da imagem e da promoção, do que qualquer outro retorno, uma vez que economicamente ele representa apenas um encargo, materializado sobretudo no tempo dos recursos humanos afetos, mas também nas lembranças que em muitos casos (com particular destaque da Refinaria da Galp) são oferecidos aos visitantes.

Decorridos cinco anos de recolha de dados (até fim de 2019), e ainda que confrontado com inúmeros

Quadro 3

Certificações das empresas parceiras do projeto STIS

Entidade	Certificação	Fonte
APS - Administração dos Portos de Sines e do Algarve	ISO 9001 ISSO 14001 e OHSAS 18001 ISO/IEC 27001:2013	http://www.portodesines.pt/autoridade-portu%C3%A1ria/administra%C3%A7%C3%A3o-dos-portos-de-sines-e-do-algarve/
EDP - Central Termoeétrica de Sines	ISO 14001	https://portugal.edp.com/pt-pt/central-termoeletrica-de-sines
Galp - Refinaria de Sines	ISO 14001 ISO 9001 ISO 18001 ISO 50001	https://www.galp.com/corp/pt/
REN	ISO 9001 OHSAS 18001 ISO 14001	https://www.ign.ren.pt/terminal-de-gnl3
Docapesca	ISO 22000	http://www.docapesca.pt/
Enerfuel	ISSO 14001 ISO 9001 ISSO 18001 ISSO 50001	https://www.galp.com/corp/pt/

obstáculos, nomeadamente a incredulidade de alguns face à relativa inovação que este projeto representa, a falta de disponibilidade financeira para uma aposta mais estratégica na comunicação e marketing, pode considerar-se que os objetivos definidos na gênese deste processo se encontram parcialmente concretizados, embora seja inquestionável que este é um produto turístico de nicho, quer porque a procura assim o manifesta, quer porque as especificidades e as exigências das entidades aderentes assim o determinam. Não pode ser esquecido o facto de na maioria destas infraestruturas industriais os requisitos ao nível da segurança serem de tal maneira exigentes que nunca seria viável a sua visitação massiva. Por outro lado, o core business destas empresas não é o turismo, e o facto de o permitirem é sobretudo motivado pelas suas políticas de responsabilidade social, e muito pela postura colaborativa que têm vindo a assumir ao longo do tempo relativamente à Câmara Municipal de Sines e ao Sines Tecnopolo (entidade promotora do projeto). As evidências que corroboram estas constatações encontram-se nos factos e nos números relativos em que formalmente o projeto tem decorrido e que apresentaremos seguidamente de forma comentada. Atualmente, a rede de parceiros visitáveis é constituída por sete entidades: APS - Administração dos Portos de Sines e do Algarve; EDP - Central Termoeétrica de Sines; GALP - Refinaria de Sines; REN - Terminal de GNL; Recipneu; Docapesca - Lota de Sines; Enerfuel. A Câmara Municipal de Sines e a Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo são parceiros institucionais.

O projeto comunica, promove-se e divulga as notícias que lhe estão associadas através do seu website, e em relação a esta dimensão é de referir que se encontra bem posicionado na pesquisa por TI, conforme evidencia a Figura 1.

A análise dos dados quantitativos associados ao projeto relativos aos cinco anos da sua implementação permite concluir que o número de visitantes tem vindo a aumentar progressivamente, verificando-se uma variação positiva de 103% entre o início do projeto e o final de 2019. Ainda que não possamos desconsiderar a redução verificada em 2016 relativamente a 2015, pode eventualmente explicar-se este decréscimo pela redução/eliminação do efeito novidade associado ao lançamento de todos os

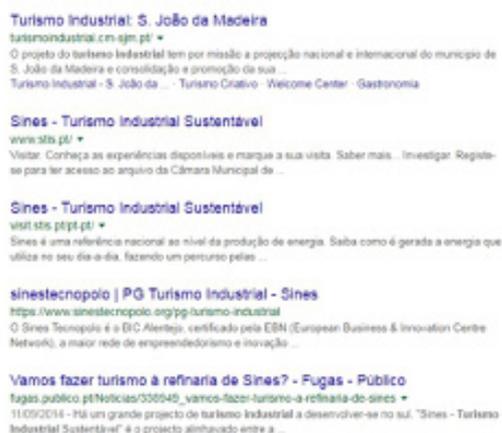


Figura 1
Posicionamento do projeto STIS na pesquisa na internet.
Fonte: www.google. com acesso a 20.08.2019.

projetos inovadores. A partir de 2017, a procura apresenta um comportamento ascendente, e para 2020, de acordo com a informação cedida pela entidade coordenadora, já existiam, em dezembro de 2019, 207 reservas, entretanto canceladas devido à pandemia provocada pela COVID19, mas que confirmam o seu potencial de crescimento.

A Rota da Energia é o percurso pré-definido escolhido pela maioria dos visitantes, ainda que exista uma acentuada tendência para visitas avulsas, não respeitando o modelo da oferta, ou para a agregação de empresas pertencentes a diferentes rotas. O perfil dos visitantes, o contexto em que se enquadra a visita (por exemplo a disciplina no âmbito da qual se realiza) e a disponibilidade de tempo são os fatores que mais pesam nesta decisão.

Por outro lado, nem sempre as empresas parceiras têm disponibilidade para responder positivamente às intenções de visita, nomeadamente por insuficiência de recursos humanos, o que leva a entidade coordenadora a redirecionar por vezes as reservas,

apresentando alternativas às marcações iniciais (Sines Tecnopolo, 2019).

Em termos unitários, a EDP - Central Termoeleétrica de Sines é a infraestrutura industrial que granjeia a preferência dos visitantes, como é visível na Figura 3, o que se explica pelo interesse da sua atividade, pelas notícias recentemente veiculadas por alguns órgãos de comunicação social em torno do seu provável encerramento até 2022 e, simultaneamente, pela disponibilidade da empresa para realizar as visitas.

A Docapesca e a Enerfuel, até à data, ainda não receberam visitas por apenas terem disponibilidade para receber grupos pequenos, e para fazer mais do que uma visita diária, o que impossibilita, inclusive, o fracionamento dos grupos (Sines Tecnopolo, 2019).

No que respeita ao perfil, a procura é constituída essencialmente por grupos organizados de alunos de escolas secundárias e de instituições de ensino superior, utentes de Universidades Séniores, geograficamente oriundos, sobretudo, da Região de

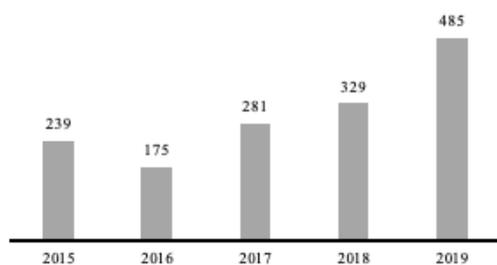


Figura 2
Evolução do número de visitas 2015-2019.
Fonte: Sines Tecnopolo, 2019.

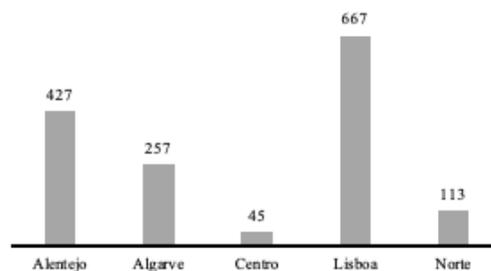


Figura 4
Origem geográfica dos visitantes por NUT II, 2015-2019.
Fonte: Sines Tecnopolo, 2019.

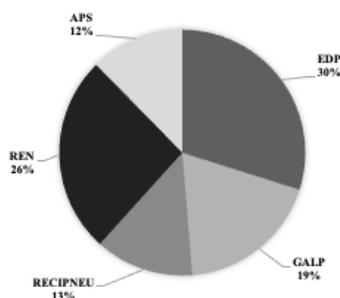


Figura 3
Porcentagem do número de visitas por empresa visitada, 2015-2019.
Fonte: Sines Tecnopolo, 2019.

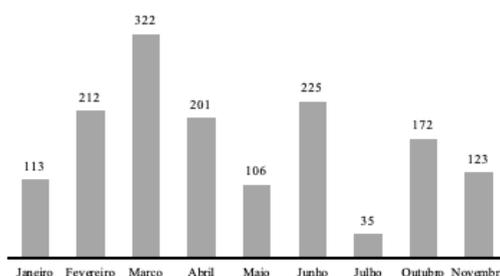


Figura 5
Distribuição temporal dos visitantes por mês, 2015-2019.
Fonte: Sines Tecnopolo, 2019.

Lisboa e do Alentejo, o que nos permite aferir que o fator proximidade geográfica pesa na decisão de realizar esta visita.

A distribuição da procura por meses, permite-nos concluir que este produto turístico contraria a sazonalidade que caracteriza a procura turística global deste território. Por motivos variados: a indisponibilidade das empresas para rececionarem visitantes, sobretudo nos meses de agosto e de dezembro, devido às férias dos seus colaboradores, e o facto da procura ser maioritariamente constituída por estudantes, refletindo, portanto, o calendário académico (Sines Tecnopolo, 2019).

O comportamento cronológico da procura, e partindo do pressuposto de que no futuro os seus números assumirão uma maior expressão, poderemos considerar que existe a possibilidade deste produto turístico vir a contribuir para atenuar a sazonalidade da procura turística que caracteriza este território, contribuindo para a sustentabilidade do seu desenvolvimento turístico.

6. Conclusão

O TI é um produto que pode contribuir para o desenvolvimento turístico de um território. Uma resposta dada, tendo por base o seu próprio conceito, as características e os desafios que lhe estão subjacentes; o conceito de sustentabilidade e a sua aplicação ao Turismo. Esta conclusão, que decorre da análise do estado da arte sobre o tema, do benchmarking internacional, e do estudo de caso que suporta o presente trabalho, assenta nos seguintes factos relativos ao TI na sua interação com o ecossistema em que é implementado:

1. Pode promover desenvolvimento socioeconómicos, gerando receita, não tanto para as empresas anfitriãs, mas para os agentes turísticos, criando postos de trabalho e oportunidades para criação de novos negócios;
2. Pode contribuir para atenuar a sazonalidade, nomeadamente em territórios cuja oferta assenta em produtos fortemente sazonais, como Turismo de Sol & Mar, estimulando a procura na época baixa, gerando, direta e indiretamente, receita que pode potenciar a viabilidade dos

negócios e dos postos de trabalho que lhe estão associados;

3. O seu processo de implementação estimula a cooperação institucional, as parcerias público-privadas e os projetos colaborativos, conciliando a agenda dos diferentes stakeholders e conferindo-lhe um interesse comum, que é, simultaneamente, facilitador da comunicação;
4. Possibilita uma estratégia conjunta de promoção e marketing territorial, turístico e organizacional, aumentando a sua eficiência e contribuindo para um maior posicionamento da oferta global;
5. Estimula a responsabilidade social das empresas e a sua preocupação para com os seus impactes ambientais negativos, podendo contribuir para a operacionalização de políticas e práticas ambientalmente mais sustentáveis;
6. Tem uma dimensão pedagógica, aumentando o conhecimento dos cidadãos sobre determinados processos produtivos, deixando antever aos mais novos possíveis caminhos para o seu futuro profissional, e contribuindo para mudar comportamentos e atitudes dos consumidores;
7. Em processos de regeneração urbana pode funcionar como uma via para a preservação e rentabilização das infraestruturas e equipamentos industriais, impedindo a sua destruição e que se tornem devolutas;
8. Pode ainda contribuir para a recuperação e preservação do património industrial, tangível e intangível, perpetuando a memória das comunidades e, em certas circunstâncias, promover a reconciliação com o passado, nomeadamente em processos de industrialização que possam ter-se configurado mais dolorosos para as comunidades locais.

No que concerne, especificamente, ao projeto STIS, este é um projeto de TI que assenta sobretudo na indústria viva e não numa abordagem histórico-patrimonial, envolvendo indústrias pesadas, com perfis mais desafiantes para um empreendimento desta natureza, o que contribui largamente para que o consideremos um projeto inovador à escala nacional. Simultaneamente, também tem estimulado as empresas a identificar e a inventariar o seu espólio,

podendo, no futuro, este processo suportar um espaço museológico, que fale, através de diferentes suportes, do processo de industrialização em Sines.

O amadurecimento deste projeto, traduzido numa rede de parceiros mais alargada e numa maior e mais diversificada procura turística, poderá contribuir para que turismo e a indústria se fundam numa interdependência em que refinarias, complexos logísticos e complexos portuários sejam parte integrante de um legado de valor acrescido, assumindo-se como recursos turísticos do Município, e aumentando a atratividade desta unidade territorial ao complementar os restantes recursos turísticos de cariz mais convencional.

Há um caminho a percorrer para que a concretização dos objetivos que presidiram à sua génese se verifique plenamente. Os resultados já alcançados vão muito além do que os números transparecem, pois a criação de uma rede de empresas com as características das que suportam o STIS é um feito extremamente relevante e eventualmente a etapa mais difícil de ultrapassar, uma evidência corroborada em sede da revisão da literatura que levámos a efeito no presente contexto. Falamos de entidades para as quais a segurança, nas suas múltiplas dimensões, é uma preocupação constante e em que a receção de visitantes significa uma maior exposição ao risco, sendo as contrapartidas materiais eventualmente muito menores do que o investimento realizado.

No que respeita à geração de riqueza e à criação de postos de trabalho na comunidade anfitriã, dois dos principais impactes positivos que um projeto pode ter num quadro de desenvolvimento turístico sustentável, o STIS ainda está muito longe da concretização de todo o seu potencial. Neste campo, o próximo passo será passar para empresas e empreendedores a gestão do produto, devendo o Sines Tecnopolo assumir uma função apenas estratégica e de apoio à linha da frente. Desde a sua génese que esta etapa foi considerada determinante para o amadurecimento e crescimento do projeto, tal como a sua promoção junto dos operadores turísticos. Processos que têm vindo a sofrer sucessivos adiamentos, por questões burocráticas, e também pela dificuldade em atrair financiamentos comunitários que suportem uma estratégia de promoção e marketing, determinante para o seu posicionamento nacional e internacional, e para atrair o interesse da iniciativa privada ligada ao Turismo.

Sines, com o STIS, já integra a Rede Portuguesa de TI, no entanto, e de acordo com a entidade coordenadora do projeto, há alguns obstáculos que urge ultrapassar no sentido de conferir uma maior escala e, por consequência, uma maior projeção ao projeto. A sua sustentabilidade económica é um desafio, sendo fundamental garantir a disponibilidade financeira que permita um maior investimento em comunicação e marketing. É, igualmente, necessário captar a atenção dos operadores turísticos, alargar o projeto a outras empresas do Ecossistema Sines, criar um Welcome Center, envolvendo outros parceiros públicos e privados, dando oportunidades a empresas e empreendedores ligados ao turismo, articulando-se este produto com os demais produtos turísticos que existem neste território, aumentando a sua atratividade e competitividade.

Bibliografia

- Bramwell, B., & Rawding, L. (1996). Tourism Marketing Images of Industrial Cities. *Annals of Tourism Research*, 3(1), 201-221. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(95\)00061-5](https://doi.org/10.1016/0160-7383(95)00061-5).
- Brito, M. (2012). Turismo Industrial: Preservação da memória, descoberta do presente e projeção do futuro do complexo industrial e portuário de Sines e da cidade industrial de Santo André. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1, 135-138.
- Brito, M. (2013). Percursos de sustentabilidade: políticas e práticas de planeamento para o desenvolvimento turístico no Município de Sines (Tese de Doutoramento). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Burns, P. M. (2004). Tourism Planning - A Third Way? *Annals of Tourism Research*, 31(1), 24-43. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2003.08.001>.
- Chow, H.-w., Ling, G.-J., Yen, I.-Y., & Hwang, K.-P. (2017). Building brand equity through industrial tourism. *Asia Pacific Management Review*, 22(2), 70-79. <https://doi.org/10.1016/j.apmr.2016.09.001>.
- Eisenhardt, K. (1989). Building Theories from Case Study Research. *Academy of Management Review*, 14(4), 532-550.
- Ferrante, M., Giovanni, G. L. L., & De Cantis, S. (2018). Measuring tourism seasonality across European countries. *Tourism Management*, 68, 220-235. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2018.03.015>.
- Frantál, B., & Urbánková, R. (2017). Energy tourism: An emerging field of study. *Current Issues in Tourism*, 20(13), 1395-1412. <https://doi.org/10.1080/13683500.2014.987734>.

- Hjalager, A. M. (1999). Tourism destinations and the concept of industrial district. Aarhus: Science Park.
- Jansirani, M., & Mangai, M. (2013). Industrial Tourism: An Introduction. *IOSR Journal of Business and Management*, 9(4), 12-14.
- Larrinaga, O. (2017). Is it desirable, necessary and possible to perform research using case studies?. *Cuadernos de Gestión*, 17(1), 147-172. <https://doi.org/10.5295/cdg.140516ov>.
- Lin, C.-L. (2019). The analysis of sustainable development strategies for industrial tourism based on IOA-NRM approach. *Journal of Cleaner Production*, 241, 1-20. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.118281>.
- Richards, G. (2018). Cultural tourism: A review of recent research and trends. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 36, 12-21. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.03.005>.
- OMT - Organização Mundial de Turismo (1995), Carta del Turismo Sostenible. Disponível em <http://www.turismo-sostenible.org/docs/Carta-del-Turismo-Sostenible.pdf>.
- OMT - Organización Mundial Turismo (1998). *Introducción al turismo*. Madrid: Egraf.
- Otgaard, A. (2010). *Industrial Tourism - Where the Public Meets the Private*. Rotterdam: Erasmus Research Institute of Management (ERIM).
- Otgaard, A. (2012). Towards a common agenda for the development of industrial tourism. *Tourism Management Perspectives*, 4, 86-91. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2012.05.004>.
- Otgaard, A., & J. Klijs, J. (2010). The regional economic effects of industrial tourism development. Comunicação apresentada no 50th European Congress of the Regional Science Association International, Jönköping, Sweden.
- Otgaard, A., Van Den Berg, L., Berger, C., & Xiang Feng, R. (Eds) (2010). *Industrial Tourism: opportunities for city and enterprise*. Farnham: Ashgate Publishing.
- Spangenberg, J. (2004). Reconciling Sustainability and Growth: Criteria, Indicators, Policies. *Sustainable Development*, 12, 74-86. <https://doi.org/10.1002/sd.229>.
- Vargas-Sánchez, A. (2011). Industrial Tourism: opportunities for city and enterprise. *Publications in review / Annals of Tourism Research*, 38(3), 1203-1204.
- Wang, H., & Fu, Y. (2019). A Comparative Study of Industrial Tourism of Cities in China. *Chinese Studies*, 8, 13-26. <https://doi.org/10.4236/chnstd.2019.81002>.
- Yin, R. (1989). *Case Study Research. Design and Methods*. Applied Social Research Methods Series 5 (2nd ed.). London: Sage Publications.
- Ying, J. (2010). Analysis and Suggestions on Chinese Industrial Tourism Development. *International Business Research*, 3(2), 169-173. <https://doi.org/10.5539/ibr.v3n2p169>.
- UNWTO (2018). *Tourism and culture synergies*. Madrid: UNWTO.